



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS NEURODIVERGENTES**

Mariana Martins Teixeira Fernandes

GOIÂNIA, 2024.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome completo da autora: **Mariana Martins Teixeira Fernandes**

Título do trabalho: **A contribuição do ensino das artes visuais para o desenvolvimento de pessoas neurodivergentes**

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**

---



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 29/01/2024, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Martins Teixeira Fernandes, Discente**, em 06/02/2024, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4328406** e o código CRC **63D0484C**.

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS PARA O DESENVOLVIMENTO  
DE PESSOAS NEURODIVERGENTES**  
Mariana Martins Teixeira Fernandes

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Artes Visuais  
da Universidade Federal de Goiás, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
licenciada/licenciado em Artes Visuais.  
Orientadora: Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto.

GOIÂNIA, 2024.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fernandes, Maeiana Martins Teixeira  
A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS PARA O  
DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS NEURODIVERGENTES  
[manuscrito] / Maeiana Martins Teixeira Fernandes. - 2024.  
LIV, 57 f.: il.

Orientador: Profa. Lilian Ucker Perotto.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, , Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Inclui lista de figuras.

1. Ensino de artes visuais. 2. Pessoa neurodivergente. 3.  
Transtorno do espectro autista. 4. Transtorno de déficit de atenção e  
hiperatividade. I. Perotto, Lilian Ucker, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIÁS FACULDADE DE ARTES  
VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dezoito dia(s) do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**A contribuição do ensino das artes visuais para o desenvolvimento de pessoas neurodivergentes**”, de autoria de **Mariana Martins Teixeira Fernandes**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto – orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) e o Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 29/01/2024, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 12:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 01/02/2024, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4328362** e o código CRC **BB6EDCDF**.

Referência: Processo nº 23070.002989/2024-43

SEI nº 4328362

Dedico este trabalho a Júlia e a Anna Eliza.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço minhas primas e os colegas, que me deram suporte emocional para terminar esse trabalho, meus amigos que me apoiaram na escolha do meu curso e a minha orientadora por não desistir de mim.

## RESUMO

O ensino das artes visuais é uma importante ferramenta que oferece grandes benefícios para o ensino. Algumas pessoas apresentam um funcionamento neurocognitivo diferente da média esperada. Neste trabalho de conclusão de curso apresento reflexões sobre as neurodivergências e que tem como objetivo compreender como o ensino das artes visuais contribui para o desenvolvimento de pessoas neurodivergentes. A partir de minhas próprias vivências como pessoa neurodivergente, busco através da pesquisa bibliográfica construir reflexões sobre a relação entre o ensino das artes visuais e neurodivergência, além de mapear práticas que foram e são realizadas e que contribuem ao desenvolvimento de pessoas neurodivergentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de artes visuais. Pessoa neurodivergente. Transtorno do espectro autista. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

## **ABSTRACT**

Teaching visual arts is an important tool that offers great benefits for education. Some people have neurocognitive functioning that differs from the expected average. In this course conclusion work I present reflections on neurodivergences and the aim is to understand how the teaching of visual arts contributes to the development of neurodivergent people. Based on my own experiences as a neurodivergent person, I seek, through bibliographical research, to build reflections on the relationship between the teaching of visual arts and neurodivergence, in addition to mapping practices that were and are carried out and that contribute to the development of neurodivergent people.

**KEYWORDS:** Teaching visual arts. Neurodivergent people. Autism spectrum disorder. Attention deficit hyperactivity disorder.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1- A Portrait Of The Artist.....	27
Figura 2- Zach's House #1.....	28
Figura 3- Zach's House #2.....	28
Figura 4 - Zach's House #3.....	28
Figura 5- Zach's House #4.....	29
Figura 6- Winter Trees.....	30
Figura 7- The Green Man.....	31
Figura 8- Abrahan Lincoln.....	32
Figura 9- General William Tecumseh Sherman, the face of ambiguity.....	32
Figura 10- Pharaoh, the face of eternity.....	33
Figura 11- Farm Kitties.....	34
Figura 12- The Death Of Love #373: desiccated love.....	35
Figura 13- Dancing with the dog.....	36
Figura 14- Werewolf.....	37
Figura 15- Sneaky Vegslokotov.....	37
Figura 16- Big field friends.....	37
Figura 17- Rapunzel #1.....	38
Figura 18- Rapunzel #2.....	38
Figura 19- Rapunzel #3.....	39
Figura 20- Rapunzel #4.....	39
Figura 21- Rapunzel #5.....	40
Figura 22- Personagem original 2018.....	41
Figura 23- Personagem original 2019.....	42
Figura 24- Personagem original 2021.....	42
Figura 25- Sereia.....	43
Figura 26- Desenho mostra 2017.....	45
Figura 27- Desenho mostra 2018.....	45
Figura 28- Desenho mostra 2019.....	46

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 NEURODIVERSIDADE E ARTE .....	15
3 RELATOS DE VIDAS NEURODIVERSAS.....	24
4 CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

## Introdução

No âmbito educacional, o ensino de artes é uma ferramenta que oferece grandes benefícios para todas as crianças, mas principalmente para crianças neurodivergentes, que podem encontrar nas atividades artísticas novos meios de expressão, comunicação e desenvolvimento cognitivo, além do florescimento criativo e crescimento pessoal.

Algumas crianças apresentam neurodivergências, ou seja, o cérebro apresenta um funcionamento neurocognitivo diferente da média esperada. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dislexia, síndrome de Tourette, síndrome de Dawn e transtorno do espectro autista (TEA) são exemplos de neurodivergências e podem causar dificuldades nessas pessoas neuroatípicas a viverem em um mundo feito para pessoas neurotípicas.

Pessoas que apresentam algum tipo de neurodivergência podem apresentar dificuldades no convívio social, no aprendizado escolar e ainda no desenvolvimento da comunicação, além de várias outras coisas que afetam o nosso dia a dia.

Através de uma pesquisa bibliográfica e do meu relato de experiência como pessoa neurodivergente, busco compreender na pesquisa de trabalho de conclusão que estou desenvolvendo como o ensino das artes visuais, principalmente através do desenho, pode ajudar no desenvolvimento de pessoas neurodivergentes.

Por pesquisa bibliográfica, entendo ser aquela que visa buscar textos, artigos, matérias na área estudada, que no caso é relacionado em como o ensino arte pode ajudar pessoas neurodivergentes, aprofundando sobre o assunto em minha pesquisa. Os termos "neurodivergente" e "neurodiversidade" têm origem relativamente recente. De acordo com a reportagem intitulada "Neurodiversidade: O que é e como redes sociais têm ajudado em diagnósticos?" do site de notícias BBC News Brasil (2022), o termo "neurodiversidade" foi cunhado pela socióloga australiana Jude Singer em sua tese de 1998, com o objetivo de promover a igualdade e a inclusão de minorias neurológicas.

Como indivíduo neurodivergente, pude perceber de que forma o ensino das artes foi fundamental no meu desenvolvimento social. Recebi o diagnóstico de

Transtorno do Espectro Autista, dislexia, Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade no primeiro semestre de 2023, mas desde criança enfrentei desafios com essas condições. Com nível um de suporte no autismo, popularmente conhecido como o nível “mais brando”, não tive dificuldades significativas no desenvolvimento da fala, ao contrário, desenvolvi a fala mais cedo que o esperado, entanto, ainda enfrentei desafios em socialização, uma das características marcantes do autismo.

Desde que me lembro, sempre tive muita dificuldade em fazer novas amizades e iniciar conversas com os outros. Meu grande interesse e ponto de expressão eram os desenhos e, por meio da arte, conseguia comunicar meus sentimentos e compartilhar meus gostos pessoais, pois não era uma criança que se expressava verbalmente com facilidade. Meus desenhos, principalmente de pessoas, tanto reais quanto personagens criados por mim, tornaram-se uma forma de estabelecer conexões com pessoas que também desenhavam que, ao comparar nossos trabalhos artísticos, encontrava uma maneira de iniciar pequenas conversas e estabelecer laços com outros colegas. Através dessa forma comunicação, pude desenvolver algumas habilidades sociais, sendo provável que seria mais desafiador para mim as adquirir de outras formas.

Depois do meu diagnóstico foi que realmente percebi como essa jornada com as artes proporcionou uma transformação em meu desenvolvimento social, já que através do ensino das artes, encontrei uma ferramenta valiosa para superar barreiras e expandir minhas capacidades de interação social, fortalecendo meus vínculos com os outros e me permitindo crescer como indivíduo e como resultado, o ensino das artes se tornou um ponto crucial em minha trajetória, contribuindo significativamente para minha autoexpressão, desenvolvimento emocional e interações sociais positivas. Antes do diagnóstico, por mais que eu tivesse a ideia de como desenhar me ajudava, não sabia do impacto que essa prática tinha sobre meu desenvolvimento social.

Ainda assim, apesar dos desafios e obstáculos encontrados, a arte sempre permaneceu como uma bússola orientadora em minha vida, proporcionando um espaço para expressão autêntica e oferecendo uma plataforma para promover a conexão e a compreensão mútua entre pessoas com diferentes experiências de vida. Felizmente, durante o segundo ano do ensino médio, uma turma de aulas complementares de desenho foi disponibilizada em minha escola, oportunidade

que me permitiu reconectar com outras pessoas e superar a fase de autoisolamento. Naquele período, ainda não tinha consciência de minha neurodivergência, mas o processo de reclusão me motivou a buscar auxílio profissional. Após anos de tratamento psicológico, foi suspeitado que eu pudesse ter TDAH e TEA e a partir disso, fui encaminhado a uma neuropsicóloga, que realizou a avaliação diagnóstica. Foi durante as aulas de desenho que encontrei inspiração para seguir a carreira de professora de artes, com o desejo de auxiliar crianças e adolescentes com dificuldades de socialização, assim como eu havia enfrentado.

Segundo o artigo “Autismo em meninas: por que é mais difícil diagnosticar?” do site neuroconecta (2018), estima-se que, para cada 4 meninos diagnosticados com autismo, apenas uma menina é diagnosticada. No entanto, estudos recentes apontam que é mais difícil identificar o autismo em pessoas do gênero feminino, pois elas não apresentam muitos dos estereótipos associados ao espectro e também conseguem mascarar os sintomas de forma mais eficaz do que os meninos.

Em um artigo de periódico intitulado "Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde - Volume I"(2021), as autoras Giulia Malagoni de Castro Guedes Arcos e Ana Clara Luz Pereira destacam a dificuldade no diagnóstico de pessoas nascidas do sexo feminino, mencionando que os critérios diagnósticos podem ser influenciados pelas expectativas de comportamentos da criança relacionados ao sexo biológico e às normas impostas pela socialização. Além disso, elas apontam que a relação do papel exercido pelo gênero na epidemiologia do Transtorno do Espectro do Autismo é sistematicamente negligenciada, e a complexa interação entre fatores sociais, culturais e comportamentais continua sendo uma questão em aberto. As autoras também observam que a quantidade de diagnósticos de autismo em meninas durante a infância é muito menor em comparação com os diagnósticos na fase adulta, o que foi o meu caso.

Conforme apresentado no artigo "Desenho Infantil e Ensino de Artes Visuais: Desenhando com Crianças com Deficiência Intelectual", escrito por Liliane Carvalho Oleques, da Universidade do Estado de Santa Catarina, esse estudo é um recorte do seu doutorado intitulado "Uma Possibilidade de Ensino de Desenho para Crianças com Deficiência Intelectual" finalizado em 2017. Durante seu trabalho na "Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais", uma instituição que

atende crianças e adultos com deficiências, a professora Liliane Carvalho atendeu alunos com deficiência intelectual de diversas faixas etárias, e notou que alguns alunos adultos, mesmo sem comprometimentos motores, ainda estavam nas fases iniciais do desenho infantil.

Diante disso, a professora Oleques desenvolveu estratégias para ajudar seus alunos mais jovens a evitarem enfrentar as mesmas dificuldades de seus colegas mais velhos. Para isso, criou jogos com esquemas gráficos e modelos vazados, como parte do método de ensino de desenho. Acredita-se que o aprendizado do desenho é importante para crianças com deficiência intelectual, pois a atividade desencadeia processos mentais de memorização e aprendizagem, o que auxilia na aquisição de conceitos e da linguagem verbal. Além disso, permite ampliar as relações entre objeto e desenho.

Outro ponto destacado é que o ensino do desenho para alunos com deficiência intelectual contribui para a inclusão nas classes comuns de ensino, promovendo um ambiente mais inclusivo e permitindo que essas crianças participem plenamente das atividades acadêmicas e sociais. Através do desenvolvimento de habilidades artísticas, esses alunos podem experimentar um senso de realização pessoal, autoexpressão e integração social, contribuindo para um ambiente escolar mais enriquecedor e acolhedor para todos os estudantes, independentemente de suas capacidades.

No livro "Drawing Autism" de Jill Mullin (2014), o autor aborda diversas experiências de artistas que também são autistas, incluindo a sua própria. O livro apresenta obras de vários artistas em diferentes níveis do espectro autista, demonstrando o impacto positivo que a Arte teve em suas vidas. Mullin inicia a obra mencionando como sua mãe o incentivava a desenvolver suas habilidades artísticas. No decorrer do livro, Mullin enfatiza que vários desses artistas foram encorajados por suas famílias a explorar o mundo das artes e desenvolver suas habilidades artísticas. Um exemplo notável é o de Jéssica Park, cuja mãe, Clara Claiborne Park, trabalhou em conjunto com ela para direcionar seus talentos artísticos na criação de pinturas que fossem apreciadas por outras pessoas. Jéssica tinha como tema favorito retratar controles de cobertores elétricos e logotipos corporativos, demonstrando sua capacidade de trazer sua visão única para a arte.

É interessante notar que muitos desses artistas que contaram com o apoio

familiar também enfrentaram atrasos no desenvolvimento, tal como é o caso de James Kenneally, que é classificado como nível 3 de suporte e, aos quase 40 anos, ainda lida com um atraso no desenvolvimento mental e epilepsia. Entretanto, a arte proporcionou um meio para ele ser reconhecido na comunidade por suas habilidades, e não por suas dificuldades. Sua arte tornou-se uma forma de expressão valiosa, permitindo-lhe comunicar-se e conectar-se com os outros, transcendendo as limitações impostas pelas condições neurológicas.

A arte se revela, assim, como uma ferramenta poderosa para quebrar barreiras e estereótipos, possibilitando que essas pessoas sejam reconhecidas por suas habilidades artísticas excepcionais e não limitadas por suas condições de saúde. As

histórias de Jéssica Park, James Kenneally e do próprio Jill Mullin são exemplos inspiradores do impacto transformador que o apoio e o incentivo podem ter na vida de pessoas neurodivergentes, empoderando-as para que expressem suas vozes únicas e enriqueçam o mundo com suas criações artísticas.

Acredito que o ensino das artes visuais pode desempenhar um papel fundamental na promoção do desenvolvimento e bem-estar de pessoas neurodivergentes. Ao oferecer um ambiente inclusivo e criativo, o ensino das artes permite que crianças e adolescentes possam se expressar e criar, desenvolver habilidades sociais e emocionais, e ainda descobrir outras capacidades. Através do desenho, pintura, escultura e outras formas de expressão artística elas podem superar barreiras comunicativas e encontrar meios alternativos de se conectar com o mundo ao seu redor.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo, Neurodiversidade e a arte, aborda a explicação e origem do termo neurodivergente e neurodiversidade, visando mostrar de forma clara como algumas neurodivergências funcionam, e como cada cérebro funciona de uma maneira completamente diferente uns dos outros. No segundo capítulo, chamado Relatos de vida neurodiversas, exemplifico como a arte contribui ao desenvolvimento de pessoas neurodivergentes, trazendo alguns relatos de professores ensinando arte para crianças neurodivergentes e de artistas neurodivergentes, incluindo meus próprios relato e desenhos.

## Neurodiversidade e arte

A neurodiversidade é um conceito relativamente recente, considerando o contexto histórico, abrangendo a formação docente para a inclusão e a acessibilidade. Segundo o livro "Acessibilidade", escrito em conjunto por Ana Bandeira, Cleomar Rocha e Vanessa Dalla Dea, a socióloga australiana Jude Singer, que é portadora do transtorno do espectro autista nível de suporte um, na época chamado de "Síndrome de Asperger", introduziu a palavra "neurodiversidade" em um capítulo publicado pela UK Open University Press em 1999.

De acordo com Singer (1999), "...todos nós, de uma forma ou de outra, somos habitantes neurodivergentes deste planeta, porque não existem duas mentes no mundo que sejam exatamente iguais". Dentro do conceito de neurodiversidade, há os neurotípicos, que são indivíduos com um funcionamento neurocognitivo que se encaixa dentro das expectativas da sociedade, e há os neuroatípicos ou neurodivergentes, que apresentam um funcionamento neurocognitivo fora desse padrão, o que pode resultar em dificuldades para se adaptarem a uma sociedade que muitas vezes é estruturada para atender às necessidades das pessoas neurotípicas.

Exemplos de neurodiversidade incluem a síndrome de Tourette, na qual os portadores apresentam tiques múltiplos, vocais ou motores. A dislexia, que é definida pela dificuldade das pessoas disléxicas na leitura e/ou escrita. A discalculia, que afeta a capacidade de compreensão numérica e cálculos. O transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), caracterizado por uma deficiência na produção de dopamina pelo cérebro, o que gera sintomas como desatenção, inquietude e impulsividade. O transtorno do espectro autista, uma condição que afeta a interação social, comunicação e comportamento de um indivíduo, sendo esses exemplos apenas algumas dessas neurodivergências.

O Transtorno do Espectro Autismo (TEA) é uma condição neurodiversa que se manifesta de maneira ampla e variada, categorizado em três níveis de suporte, ou seja, o nível de ajuda que o indivíduo precisa para realizar coisas do cotidiano, com o nível 1 sendo considerado o "mais leve" e também chamado de "autismo de alto funcionamento." Indivíduos nesse nível geralmente necessitam do mínimo de apoio e são capazes de realizar muitas tarefas diárias de forma independente. No entanto, eles ainda podem enfrentar desafios na interação social e na comunicação, além de demonstrarem um interesse marcante em assuntos ou atividades específicas, bem

como sensibilidade sensorial.

No nível 2 de suporte, que é considerado "autismo moderado," as necessidades de apoio são mais intensas em comparação com o nível 1. Os indivíduos nesse nível enfrentam maiores dificuldades na comunicação e interações sociais.

Já no nível 3 de suporte, os indivíduos requerem apoio constante em suas vidas e enfrentam grandes desafios em relação à comunicação social. Alguns podem até ter dificuldades severas de fala ou serem não verbais.

Independentemente do nível de suporte, o TEA é caracterizado por três sinais distintos: dificuldades na interação social, problemas na comunicação e a manifestação de comportamentos repetitivos e/ou restritos. Essas características podem variar em intensidade e são essenciais para o diagnóstico de TEA de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM).

No contexto histórico, é importante reconhecer as contribuições de pesquisadores notáveis sobre o assunto. Em 1979, a psiquiatra britânica Lorna Wing, mãe de uma criança com autismo no nível 3 de suporte, realizou uma pesquisa que revelou que aproximadamente 2 em cada 1.000 pessoas eram portadoras do transtorno. Essa pesquisa foi pioneira e contribuiu para uma compreensão mais abrangente do autismo, desmistificando a ideia de que era uma condição rara na época.

Em 1981, Lorna Wing publicou um artigo inovador que introduziu a ideia do autismo dentro do espectro e destacou que o autismo poderia afetar as pessoas em diferentes graus. Ela também cunhou o termo "síndrome de Asperger", embora esse termo não seja mais usado em diagnósticos oficiais, e pessoas que anteriormente eram consideradas como tendo "Síndrome de Asperger" agora são reconhecidas como parte do Transtorno do Espectro Autismo, enfatizando a diversidade e a ampla variação das experiências dentro do espectro.

Essa nova compreensão do espectro do autismo tem levado a uma abordagem mais inclusiva e atenciosa às necessidades das pessoas com TEA, reconhecendo a riqueza da neurodiversidade e respeitando as experiências únicas de cada indivíduo no espectro.

Até a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que é a principal referência mundial para a classificação de transtornos mentais, não era usado o termo "Transtorno do Espectro Autista" (TEA),

como é feito no DSM-5, pois o conceito de espectro não estava tão bem definido naquela época. Em vez disso, o DSM-4 incluía várias categorias diferentes para diagnósticos autistas, entre eles o, Transtorno Autista (Autistic Disorder), diagnóstico que era usado para casos mais graves de autismo e incluía critérios semelhantes aos usados para diagnosticar o TEA no DSM-5, Síndrome de Asperger (Asperger's Disorder), diagnóstico que era utilizado para indivíduos que tinham dificuldades de interação social e padrões de comportamento restritos e repetitivos, mas não tinham atrasos significativos no desenvolvimento da linguagem e Transtorno Global do Desenvolvimento Não Especificado (Pervasive Developmental Disorder-Not Otherwise Specified, PDD-NOS), sendo que esta categoria era usada quando os sintomas não se enquadravam claramente nas categorias anteriores, mas ainda indicavam um transtorno do espectro autista

No entanto, apenas em 2013, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi categorizado sob a seção "Transtornos do Neurodesenvolvimento" com o lançamento do DSM-5. Todas as condições relacionadas ao autismo foram unificadas sob um único diagnóstico, denominado TEA, identificado pelo código "F84" (American Psychiatric Association, 2013). Anteriormente, o Transtorno de Rett (Rett's Disorder) e o Transtorno Desintegrativo da Infância (Childhood Disintegrative Disorder) eram diagnósticos separados para condições do neurodesenvolvimento que envolviam a perda de habilidades adquiridas. No DSM-5, essas condições foram reclassificadas e não são mais consideradas parte do TEA. Essa mudança foi feita para refletir a compreensão de que o autismo se manifesta em uma ampla gama de apresentações e intensidades, em oposição à classificação anterior que distinguia condições separadas, como autismo clássico, síndrome de Asperger, entre outras.

A diferenciação passou a ser feita com base no grau de suporte ou apoio necessário para cada indivíduo, em vez de se concentrar na severidade ou no funcionamento. O DSM-5 introduziu a ideia do TEA como uma abordagem mais inclusiva e abrangente para o diagnóstico do autismo, reconhecendo a diversidade de experiências dentro do espectro (American Psychiatric Association, 2013).

Dentro do diagnóstico de TEA, o DSM-5 inclui critérios para avaliar a presença e a intensidade de características-chave, incluindo:

- Dificuldades na Comunicação: O manual avalia a presença de dificuldades na comunicação verbal e não verbal.

- Dificuldades na Interação Social: Os critérios abordam a capacidade do indivíduo de se envolver em interações sociais, como a reciprocidade social e a compreensão das nuances das relações interpessoais.

- Comportamentos Restritos e Repetitivos: O DSM-5 inclui critérios para avaliar comportamentos repetitivos e restritos, como interesses estreitos, movimentos repetitivos e adesão inflexível a rotinas.

O DSM-5 também reconhece que o TEA pode variar em termos de intensidade, e os diagnósticos dentro do espectro são feitos com base em um sistema de graus ou níveis, que variam de 1 a 3. Esses níveis estão relacionados à quantidade de apoio necessário para o funcionamento diário do indivíduo. Nível 1 é o menos intenso, enquanto o nível 3 é o mais intenso em termos de suporte necessário.

No entanto, vale ressaltar que, conforme relatado pelo site "Consciência Autista" em seu artigo intitulado "Por que cada vez mais autistas rejeitam os termos Asperger e Aspie", o termo "Asperger," inspirado no nome de Hans Asperger, continuou a ser usado em países onde o Código Internacional de Doenças (CID) serviu como referência para condições psiquiátricas até dezembro de 2021. Nesse ponto, o novo CID-11 substituiu "Asperger" por "Transtorno do Espectro Autista sem Deficiência Intelectual e com Comprometimento Leve ou Ausência de Linguagem Funcional."

É relevante notar que o CID não trata o autismo como uma doença, uma vez que condições mentais não patológicas também são abrangidas por esse sistema de classificação.

Além disso, as pesquisas atuais não forneceram critérios claros que diferenciassem de maneira significativa os autistas do nível 1, anteriormente chamados de "Autistas de Alto Funcionamento," dos portadores da síndrome de Asperger.

Outra razão para a evolução na nomenclatura e diagnóstico está relacionada ao contexto histórico. O pioneiro no estudo do autismo, Hans Asperger, esteve envolvido nas políticas raciais do regime de Hitler. O livro "Crianças de Asperger: As Origens do Autismo na Viena Nazista," escrito por Edith Sheffer e publicado em 2019, aborda as complexas relações entre o autismo e o nazismo. Crianças autistas eram rotuladas como "asperge" com base em sua utilidade para o Estado, especialmente no regime totalitário fascista. Comportamento e características físicas também eram considerados ao direcionar crianças para tratamento ou, em casos extremos,

eliminação. Sheffer destaca como Hans Asperger e seu colega Leo Kanner usavam abordagens diversas para estimular o crescimento emocional e cognitivo das crianças com autismo consideradas "tratáveis", que tinham o chamado autismo de alto funcionamento pois Asperger acreditava que seriam úteis para o regime nazista, enquanto encaminhavam os casos que julgavam "intratáveis" para locais como Spiegelgrund, um dos centros de extermínio de crianças mais letais do Reich, onde as pessoas eram tratadas como autistas de baixo funcionamento.

Este contexto histórico levou a uma reavaliação crítica das conexões entre Hans Asperger e as políticas raciais do regime nazista, contribuindo para a revisão e unificação do diagnóstico no DSM-5 e a rejeição do termo "Asperger" em algumas jurisdições, em favor do diagnóstico mais inclusivo de Transtorno do Espectro Autista. Já no caso do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, há cerca de 1 a 15% de crianças afetadas com esse distúrbio, segundo o MSD, em um artigo escrito por Stefan Brian Sulkes, em sua quinta edição, com sua última revisão em fevereiro de 2022. Ainda segundo Sulkes (2022, p.1) "muitos especialistas acreditam que o TDAH é super diagnosticado em grande parte porque os critérios são aplicados de forma imprecisa".

Ao buscar por uma definição de o que seria o TDAH, encontrei uma matéria escrita por Maria Helena Varela Bruno, intitulada TDAH (transtorno de déficit de atenção com hiperatividade), no site do Dr. Drauzio Varella. É, segundo Bruna:

"...um distúrbio neurológico crônico que se caracteriza por desatenção, hiperatividade e impulsividade. Esses sinais devem, obrigatoriamente, manifestar-se na infância, mas podem perdurar por toda a vida se não forem devidamente reconhecidos e tratados" (Bruna, p.1)

Recentemente, transtornos do espectro autista e TDAH têm sido os temas mais amplamente discutidos pela população e pela mídia. Em novembro de 2023, foi publicada na revista Galileu uma matéria de Marília Marasciulo intitulada "TDAH: popularização do transtorno nas redes sociais preocupa especialistas", que traz os seguintes dados:

"No Instagram, a hashtag #ADHD (TDAH na sigla em inglês) acumulou 3,8 milhões de publicações até o dia 29 de setembro; em português, foram 1,1 milhão. No TikTok, vídeos com a #ADHD tiveram mais de 30 bilhões de visualizações e, nos últimos 120 dias, o uso do termo "your ADHD type" (seu tipo de TDAH) teve um aumento de 1150%." ( Marasciulo, 2023, p.1).

Esse grande aumento no interesse da população em relação a essas neurodivergências pode auxiliar na divulgação de informações sobre o assunto, o que, segundo a matéria de Saida Sesay para a bbc “Neurodiversidade: o que é e como redes sociais têm ajudado em diagnósticos” (2022), pode ajudar no diagnóstico, já que “para muitos, as redes sociais têm sido para muitos a prova que faltava para se darem conta de que são neurodivergentes” (Sesay, 2022, p.1), além de que a informação ajuda a diminuir o estigma pois:

“Muita gente não conhece ou não conhecia até pouco tempo atrás a palavra neurodiversidade. Mas o termo, usado para descrever as enormes e diversas diferenças existentes no cérebro humano, tem se popularizado cada vez mais. Parte disso se deve a redes sociais como TikTok, Twitter e Clubhouse, que têm proporcionado espaço para que pessoas possam falar sobre suas diferenças neurológicas” (Sesay, 2022, p.1).

Todavia, não apenas a informação é transmitida pela internet, mas a desinformação também. Vários vídeos de no máximo 60 segundos nas redes sociais prometem diagnosticar uma pessoa, baseado em uma lista de sintomas. Para sua matéria “TDAH: popularização do transtorno nas redes sociais preocupa especialistas”, Marascuilo entrevistou a psicóloga e professora da faculdade de medicina de Washington, Estados Unidos, Margaret Sibley, que afirmou receber em 2021, vários anúncios prometendo desde “...testes que prometiam um diagnóstico em um minuto a jogos que permitiriam ‘zerar’ o cérebro” (Marascuilo, 2023, p.1 ). Depois da entrevista, em 2023, a própria jornalista Marília Marasciulo também começou a receber várias propagandas prometendo ajudar a lidar com o transtorno:

“...o mais chocante foi o que afirmou que tenho problemas de memória, sintomas de falta de atenção e de hiperexcitação emocional. Tudo porque marquei que ‘ocasionalmente’ esqueço onde coloquei o celular, ‘ocasionalmente’ esqueço o que acabei de ler e ‘nem sempre’ gosto de receber críticas.” (Marascuilo, 2023, p.1).

Fora as neurodivergências citadas, há várias outras neurodivergências que podem dificultar o dia a dia das pessoas que apresentam esta condição em todas as fases da vida, mas principalmente na infância e adolescência, sendo a fase da escolarização. Muitas crianças e adolescentes neurodivergentes apresentam um baixo rendimento escolar, já que o sistema de educação foi criado para um certo padrão de crianças, não só neurotípica como também de uma classe e cor predeterminada, e não apresentavam nenhuma base sólida para inclusão até 2015,

com a Lei 13146/15, que garante a inclusão da pessoa com deficiência, incluindo à educação, segundo o artigo 27:

“A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem” (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015).

Em um e-book publicado pela CIAR-UFG intitulado “Educação especial e inclusão: pesquisas do centro-oeste brasileiro”, as autoras Aline Maira da Silva, Letícia Maria Capelare Tobias Venâncio e Mary Cristina Olímpio Pinheiro escrevem que:

“ao ingressar na escola, toda criança amplia suas relações, tendo a partir deste momento mais um lugar para aquisição de novas habilidades sociais que são base para o desenvolvimento das habilidades acadêmicas. Em vista disso, é importante que a escola inclua entre seus novos objetivos ampliar a quantidade e melhorar a qualidade das relações interpessoais entre os alunos” (Silva, 2020 p. 102 ).

Apesar da deficiência em relação às medidas de inclusão, estão começando a surgir mais estudos sobre o assunto. Em um recorte da pesquisa de mestrado intitulado “Caracterização das relações Interpessoais entre alunos com deficiência intelectual e seus pares em sala de aula regular”, Pinheiro, no texto co-escrito pela autora, descreve um estudo feito com 6 alunos com deficiência intelectual, de idades entre 7 e 14 anos nos 3 primeiros anos do fundamental juntamente com seus colegas de sala de aula em 3 escolas regulares da rede municipal de Dourados, no Mato Grosso do Sul.

Na pesquisa realizada por Pinheiro, cada aluno alvo foi observado em quatro seções de quarenta minutos, onde foi visto que, devido ao manejo de sala de aula de uma das alunas, onde a deixava mais próxima de seus colegas, facilitou na relação interpessoal entre ela e seus colegas, o que não ocorreu no caso de três alunos que, devido ao arranjo de lugares na sala somando à falta de incentivo e até restrições vindas da parte do apoio educacional e professora regente na socialização entre os alunos alvos e o resto da turma. Como resultado, ficaram isolados do resto da turma. Em um dos casos, o aluno esteve quase completamente isolado da turma, não

fazendo praticamente nenhuma interação em sala. “Ao longo das observações sistemáticas [...] foi possível perceber algumas situações indicativas de que os alunos com deficiência intelectual matriculados em sala de aula regular eram responsabilizados por sua incapacidade de realizar as tarefas e de se relacionar adequadamente com os colegas” (Silva, Tobias, Pinheiro, p. 109, 2020).

Alguns professores usam a educação em arte como uma ferramenta para ajudar crianças neurodivergentes em sala de aula. Em 2012, foi publicado na Revista Educação, Artes e Inclusão, artigo escrito por Lorena Baloro Fernandes, Anita Schlesener, Carlos Mosquera e Rosanny Moraes Teixeira intitulada “Ensino de Arte e Autismo: Um Relato de Extensão”, sendo um recorte de uma dissertação de mestrado defendida em 2010, feito a partir de um Projeto de Extensão entre a Faculdade de Artes do Pará (FAP) e a Escola de Educação Especial Alternativa em Curitiba, Paraná, desenvolvida entre 2002 e 2006.

Durante esses quatro anos, foram feitas oficinas de artes, onde alunos que cursavam licenciatura em artes visuais na FAP puderam estagiar e interagir nos desenvolvimentos pedagógicos junto com as orientadoras, onde a coleta de dados para a pesquisa do projeto de extensão foram realizadas através de observações em sala de aula.

“O trabalho com as Oficinas de Artes desenvolvidas no Projeto teve uma abrangência significativa na formação dos estagiários e das orientadoras, chegando a mobilizar todo o grupo para a pesquisa e para a reflexão” (Fernandes, Schlesener, Mosquera, Teixeira, 2012, p. 17).

O texto de Fernandes, Schlesener, Mosquera e Teixeira afirma que as Oficinas de Artes Visuais foram importantes pra refletir sobre a importância das artes para com a educação e enfatizam que “as vivências em atividades artísticas proporcionam a experiência lúdica e o desenvolvimento de outras linguagens expressivas” (Fernandes, Schlesener, Mosquera, Teixeira, 2012, p. 26).

Já em 2015, Rosicléia Melori Ribeiro Borges e Melissa Probst publicaram um artigo para a Revista de Educação Dom Alberto, com o título “Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as Artes: O Ensino da Arte no Universo Autista”. No artigo, as autoras afirmam que:

“A arte possui um olhar sobre as diversidades que envolvem atualmente o fenômeno educativo e veem ganhando espaço para auxiliar a inclusão das mais variadas necessidades educativas especiais” (Borges, Probst, 2015, p. 54).

Em seu artigo, Borges e Probst escrevem como o mundo não é pré- estabelecido, e sim é construído ao longo das nossas interações interpessoais, as pessoas aprendem vivendo, além da importância da educação em arte segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, já que através das artes:

“...o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas”(Brasil, 1996).

Os dois artigos apresentados falam de um mesmo assunto, mas com métodos diferentes. Enquanto o primeiro artigo escrito por Lorena Baloro Fernandes, Anita Schlesener, Carlos Mosquera e Rosanny Moraes Teixeira é feita a partir de uma pesquisa de campo, onde um grupo de alunos com autismo é observado por um período de quatro anos, o texto de Rosicléia Melori Ribeiro Borges e Melissa Probst é feito através de uma pesquisa bibliográfica. Mesmo que os dois artigos tenham uma abordagem diferente, ainda apresentam semelhanças em relação à suas conclusões. É possível ver tanto no artigo “Ensino de Arte e Autismo: Um Relato de Extensão” (2012) quanto no artigo “Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as Artes: O Ensino da Arte no Universo Autista” (2015) sobre como a arte é importante para trabalhar o lado sensível do aluno, além de que a arte pode ser um meio não verbal de comunicação, o que pode ser bem positivo se trabalhado com pessoas autistas, que apresentam dificuldade em relação à comunicação (podendo até serem não verbais).

## Relatos de Vida Neurodiversas

Algumas neurodivergências podem dificultar a vida de seus portadores. No meu caso, como pessoa com transtorno do espectro autismo e de déficit de atenção com hiperatividade e dislexia tenho meu lugar de fala. Como meu laudo é recente, já que só fui diagnosticado no primeiro semestre de 2023, resolvi desenvolver como minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, como o ensino das artes contribui para o desenvolvimento de crianças neurodivergentes, sendo uma pesquisa de caráter bibliográfico a partir do meu relato de vida.

No meu caso, sempre tive uma grande dificuldade em interações sociais, tendo poucos amigos ao longo da vida. Como grande parte das crianças, eu gostava de muito de desenhar. Minha jornada escolar é marcada por várias trocas de escolas, sendo que já estudei em cinco escolas diferentes. A cada escola, meu número de amigos diminuía e, quando passei para o ensino médio, não tinha mais nenhum amigo. Fiquei mais de um ano sem conversar com ninguém da minha turma no entanto, durante segundo ano do ensino médio, abriu uma turma de desenho no meu colégio e, como gostava de desenhar me inscrevi. Não levou muito tempo para eu começar a me enturmar com meus colegas da aula de desenho. E, como parte deles era da minha sala, consegui fazer alguns amigos que levo até hoje, comigo no peito.

Esse tipo de relato pode parecer simples, mas os seres humanos são seres sociais e não podem funcionar sozinhos, principalmente nos dias de hoje. Há uma grande banalização dos diagnósticos, principalmente de TEA e TDAH. Em uma matéria do jornal da USP, a psicóloga Clarissa Mendonça Corradi Webster diz na matéria “Redes sociais promovem banalização do diagnóstico de transtornos mentais” como que, com a popularização do TikTok, conteúdos de 60 segundos prometem realizar diagnósticos de transtornos mentais com uma pequena lista de possíveis sintomas.

Eu, como uma pessoa neurodivergente, sentia e ainda sinto deslocado em relação a sociedade. Apenas com meu diagnóstico feito por uma profissional da área, consegui entender o porquê eu me sentia assim e como meu cérebro funcionava, e com isso, através da terapia, criar meios para não me sentir tão deslocado em relação à sociedade. As artes visuais para mim, principalmente na época da adolescência, foram o que me deixaram seguir, mesmo sem instruções. E com o impacto do desenho em minha vida, entrei para o curso de artes visuais licenciatura.

As artes visuais me ajudaram de forma mais significativa na área da socialização, mas não é só nessa área que é possível ver os benefícios do ensino das artes. Além de ajudar no desenvolvimento de crianças neurotípicas (que não apresentam um neurodesenvolvimento atípicas, o ensino das artes tem se mostrado uma grande ferramenta para o desenvolvimento de crianças neurodivergentes. Existem vários estudos sobre como o ensino das artes impacta Positivamente crianças neurodivergentes, como por exemplo a professora Liliâne Carvalho Oleques que em sua pesquisa de doutorado Intitulada “Uma possibilidade de ensino de desenho para crianças com deficiência intelectual”. Onde ela visava a “... criação de estratégias do ensino de desenho para crianças com deficiência intelectual, a aplicação e análise do processo de aprendizagem” (Oleques, p. 564, 2017).

Esses dados foram retirados do artigo “Desenho infantil e o ensino das artes visuais: Desenhando com crianças com deficiência intelectual” que é um recorte de sua tese de doutorado. No artigo, Oleques afirma a importância do ensino de desenho para crianças com deficiência intelectual.

“É importante que crianças com deficiência intelectual aprendam a desenhar, pois essa atividade desencadeia processos mentais de memorização e aprendizagem que auxiliam na aquisição de conceitos e da linguagem verbal, bem como a possibilidade de aplicar a relação entre objeto e desenho” (Oleques, 2017, p. 565).

Como exemplo, Oleques traz a trajetória de desenho de uma de suas alunas, que tinha atraso no desenvolvimento das funções mentais, cognição e linguagem. Para a pesquisa foi passada como atividade para toda a turma, não só para a aluna com deficiência intelectual, desenhos gráficos de animais a partir de figuras geométricas, onde os alunos iriam fazer um desenho de observação.

No final do artigo, a professora Liliâne Carvalho Oleques relata os resultados de sua pesquisa, onde:

“Os participantes reconhecem as partes dos esquemas gráficos, apesar de não conseguirem desenhá-los sem auxílio prévio [...] além disso, os participantes criaram seus próprios recursos de desenho, contornando os objetos ou selecionando o método de liga-pontos” (Oleques, 2017, p. 598).

Podemos encontrar outro grande exemplo de como a arte ajuda pessoas neurodivergentes no livro *Drawing autism*, onde trago sua segunda edição, publicada em 2014 e escrita por Jill Mullin. O autor, que também faz parte do espectro autista junta obras e relatos de vários artistas que também são autistas, de diferentes

níveis de suporte e assim como eu, os 46 artistas e o próprio autor do livro, todos sofremos um grande impacto positivo na vida através das artes visuais.

Houve várias aplicações para a versão de 2014 do livro *drawing autismo* e quando um autista era selecionado, ele deveria responder a um questionário completo onde algum dos participantes responderam às perguntas sem auxílio, outros responderam com auxílio de algum responsável, fosse para ler, escrever ou interpretar as perguntas, ou então, as perguntas foram respondidas totalmente por seus responsáveis. As perguntas foram:

“Why did you start creating art? What inspires/excites you about creating art? How do you choose your subjects? Why do you paint/draw what you do? Do you think your art helps others understand how you view the world? Who are some artists that you like? What was the inspiration of each piece of art that you have submitted to *drawing autism*? Anything else you'd like to say about your artwork?”<sup>1</sup>(Mullin, 2014, p. 11, 12).

Segundo Mullin, ele quis ter certeza de que os artistas expressariam seus pensamentos sobre seu trabalho e sua vida de seu próprio jeito, com sua própria voz. Apesar de Mullin não ter posto todas as respostas de todos os artistas, ele colocou as mais intrigantes e perspicazes, em prol de melhorar a visualização dos leitores sobre o espectro autista.

O livro foi dividido em sete capítulos, onde Jill Mullin usou seus antecedentes clínicos e análise de comportamento aplicado (ABA) para classificar o trabalho e fornecer uma visão geral do espectro. “The chapters are organized by themes I identified as I spend more and more time with the submissions”<sup>2</sup> (Mullin, 2014, p. 11). Os capítulos foram intitulados por Mullin como: “Interactions, individual and societal; Repetition, repetition, repetition; Getting from here to here; Bird's-Eye view; another word; It's all history; Art for art's sake”<sup>3</sup> 3. Algo interessante sobre os nomes dos capítulos é que eles retratam traços do autismo que são visíveis através dos desenhos dos artistas.

O primeiro capítulo representa, segundo Mullin, as dificuldades na interação

---

<sup>1</sup> “Por que você começou a criar arte? O que inspira/excita você na criação de arte? Como você escolhe seus assuntos? Por que você pinta/desenha o que faz? Você acha que sua arte ajuda os outros a entender como você vê o mundo? Quem são alguns artistas que você gosta? Qual foi a inspiração de cada obra de arte que você enviou para desenhar o autismo? Mais alguma coisa que você gostaria de dizer sobre seu trabalho artístico?”

<sup>2</sup> Os capítulos são organizados por temas que identifiquei à medida que passo cada vez mais tempo com as submissões.

<sup>3</sup> Interações, individuais e sociais; Repetição, repetição, repetição; Indo daqui até aqui; Vista aérea; outra palavra; É tudo história; Arte para o bem da arte.

social, cultural e humana que os artistas sofreram durante a criação de suas obras. Um exemplo seria a obra “a portrait of the artist” (fig. 1), de Emily L. Williams, que criou uma obra onde, segundo Williams, seria a representação do seu autismo. “that's what my autism is: Out of these random parts in my life, memories, likes, dislikes, emotions, everything throwing together into one brain”<sup>4</sup> (Williams, p. 19). Podemos ver isso na grande variação de imagens e de técnicas na obra, como se a artista buscasse colocar tudo o que está em sua cabeça em uma só obra. Foi um dos capítulos que mais me identifiquei, pois interações sociais sempre foram um desafio para mim.

Figura 1: “A Portrait of the artist”



Fonte: Drawing Autism (2014)

O segundo capítulo, “repetition, repetition, repetition”, é, segundo Jill Mullin, sobre como é comum entre as pessoas dentro do espectro autista ter comportamentos repetitivos, podendo ser a repetição de letras, números, palavras ou então um determinado assunto. Um artista interessante deste capítulo, em minha opinião, seria Zach Hamm, que fez vários desenhos de sua casa durante 17 anos, sempre da mesma maneira. “Zach’s house is a house that looks like the one he lives in. It is always the same, two trees, the sun, two clouds, and grass”<sup>5</sup> ( mãe de Zach Hamm, como resposta a uma das perguntas, p. 64) (fig. 2,3,4,5). Hamm respondeu a

<sup>4</sup> Isso é o meu autismo: dessas partes aleatórias da minha vida, memórias, gostos, desgostos, emoções, tudo reunido em um só cérebro.

<sup>5</sup> A casa de Zach é uma casa que se parece com aquela em que ele mora. É sempre a mesma, duas árvores, o sol, duas nuvens e grama

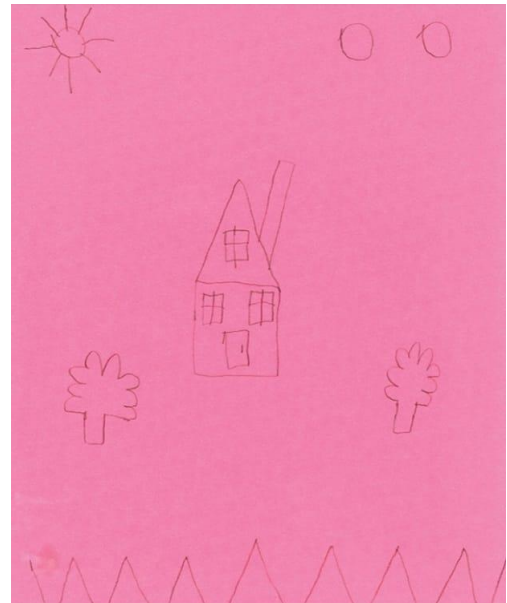
quase todas as perguntas direcionadas aos participantes de forma parecida, dizendo que gosta de sua casa, e que sua casa é feliz, e que desenhar sua casa o deixa feliz.

Figura 2: Zach's house #1



Fonte: Drawing Autism (2014)

Figura 3: Zach's house #2



Fonte: Drawing Autism (2014)

Figura 4: Zach's house #3



Fonte: Drawing Autism (2014)

Figura 5: Zach's house #4



Fonte: Drawing Autism (2014)

"I will draw my house. I want you to see that I am happy with the way that I am. When you see me, I am always the same. I don't change. My world doesn't change, it does stay the same every day. And I like it a lot. My house is always the same too. I like me. And I like my life in my house."<sup>6</sup> ( resposta de Zach Hamm à pergunta 'Anything else that you would like to say about your work?', p. 64).

Esse capítulo que retrará as repetições foi o meu favorito, onde não só teve algumas das minhas obras favoritas do livro como também pelo fato de representar um dos traços mais reconhecidos do autismo, que é o de comportamentos repetitivos, que não é só comportamental, mas de pensamento também, o que dificulta bastante quando se é preciso mudar algo, seja uma mudança de rotina ou então mudar de opinião sobre algo.

O terceiro capítulo tem como objetivo retratar o transporte, já que foi percebido por Mullin durante o processo de submissão que vários artistas eram interessados em algum meio de transporte. Meios de transporte podem parecer algo tão corriqueiro para a maioria das pessoas, que é fácil esquecer que seria impossível se viver em um mundo tão grande sem algum modo de ir e vir "For some of the artists, transportation represents the ability to simply watch the world go by"<sup>7</sup> (Mullin, p. 11).

Nomeado como visão de olho de pássaro, é no quarto capítulo que vemos paisagens detalhadas. "The detail and beauty related to the scenes can help us

---

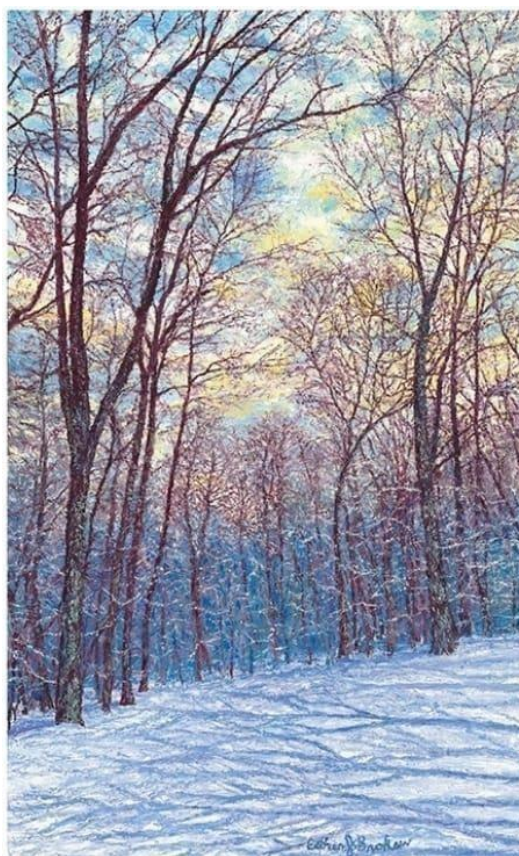
<sup>6</sup> Vou desenhar minha casa. Quero que você veja que estou feliz do jeito que sou. Quando você me vê, sou sempre o mesmo. Eu não mudo. Meu mundo não muda, ele permanece o mesmo todos os dias. E eu gosto muito disso. Minha casa também é sempre a mesma. Eu gosto de mim. E gosto da minha vida na minha casa.

<sup>7</sup> Para alguns artistas, o transporte representa a capacidade de simplesmente ver o mundo passar.

appreciate how some of the artists may see they world every day”<sup>8</sup> (Mullin, p.11). “Bird’s-Eyes View” é um capítulo que, ao mesmo tempo se relaciona e se contrapõe ao próximo capítulo, “Another World”, onde Mullin atribui aos artistas que desenhavam lugares místicos e novos mundos.

As árvores de inverno de Ester J. Brokaw (fig. 6) é, segundo a artista, inspirado em um dia que ela visitou o topo de um morro e viu um belo céu através das sombras de árvores sem folhas em um terreno coberto por neve.

Figura 6: Winter trees



Fonte: Drawing Autism (2014)

“With no formal training, a passion to paint led me to the discover of a God-given talent that shows me to heal with color. Through years of children and illness, these paintings represent impressionist masterpieces from my soul”<sup>9</sup> (Brokaw, p. 84).

The green man (fig. 7) é uma pintura de Eleni Michael, inspirado na figura mitológica do homem verde, sendo completamente diferente em temática e estética

---

<sup>8</sup> O detalhe e a beleza relacionados às cenas podem nos ajudar a apreciar como alguns dos artistas podem ver o mundo todos os dias.

<sup>9</sup> Sem treinamento formal, a paixão pela pintura me levou à descoberta de um talento dado por Deus que me mostra como curar com a cor. Através de anos de crianças e doenças, essas pinturas representam obras-primas impressionistas da minha alma.

em comparação a obra de Brokaw.

Figura 7: The green man



Fonte: Drawing Autsm (2014)

O sexto capítulo é dedicado aos artistas que criaram suas obras através de seus interesses históricos. As colagens de John M. Williams, são inspiradas, segundo o artista:

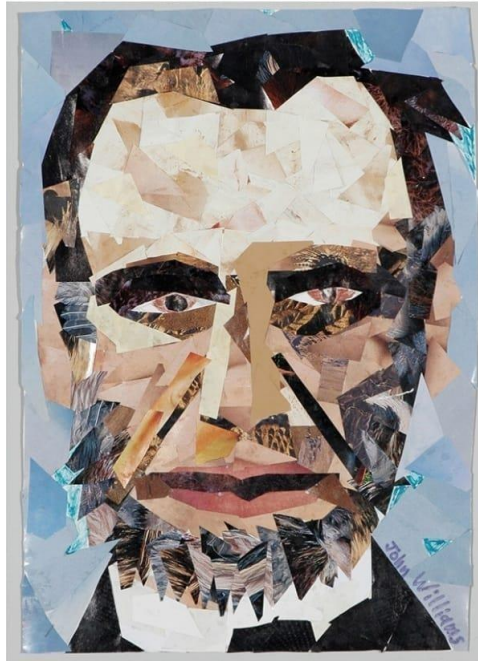
“When I see something inspirational like a beautiful western scene or learn about an inspirational character from history, like Lincoln, I impulsively want to create a collage to capture the essence of the person or the place”<sup>10</sup>(Williams, p. 113, 2014).

Suas obras de figuras históricas são “Abraham Lincoln” (fig. 8), “General William Tecumseh Sherman, the face of ambiguity” (fig. 9) e “Pharaoh, the face of eternity” (fig. 10).

---

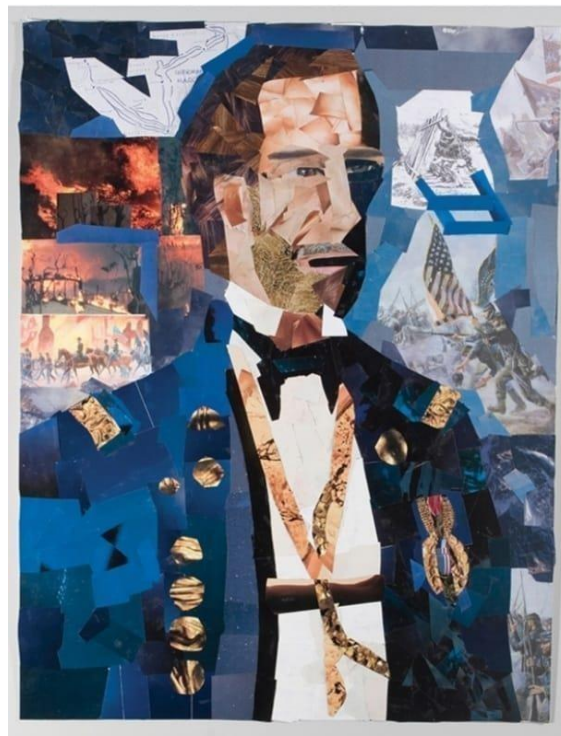
<sup>10</sup> Quando eu vejo algo inspirador, como uma bela cena de faroeste, ou aprendo sobre um personagem inspirador da história, como Lincoln, quero impulsivamente criar uma colagem para capturar a essência da pessoa ou do lugar.

Figura 8: Abrahan Lincoln



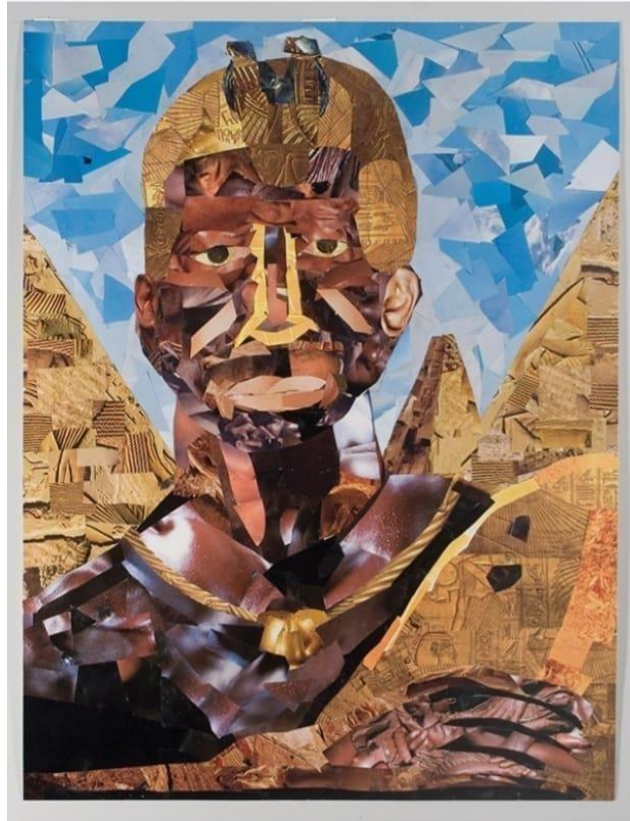
Fonte: Drawing Autism (2014)

Figura 9: General William Tecumseh Sherman, the face of ambiguity.



Fonte: Drawing Autism (2014)

Figura 10: Pharaoh, the face of eternity



Fonte: Drawing Autism (2014)

O sétimo e último capítulo de drawing autism foi dedicado aos artistas que criaram arte pela arte, diferente dos últimos capítulos, que onde as obras tinham algum significado, o que já é de se esperar de um capítulo chamado “Art for art’s, sake”. Neste capítulo vemos uma explosão de criatividade por parte dos artistas. E com temáticas variadas. Também podemos perceber que, apesar de Jill Mullin ter dividido seu livro de modo que cada capítulo tem sua própria temática, várias obras que poderiam facilmente encaixar em outros capítulos, não apenas no que elas estejam. Um exemplo seria a obra “Farm Kitties” (fig. 11), de Shelby Rae McSweeney, onde sua curiosa fazenda regida por gatos poderia facilmente estar no capítulo cinco, já que aparenta ser uma cena de um livro de fantasia, encaixando perfeitamente no tema de outro mundo.

Figura 11: Farm Kitties



Fonte: Drawing Autism (2014)

O livro Drawing Autism foi bastante inspirador para mim, pois mostra a motivação de cada um dos artistas colaboradores, e, ao ver o que move cada um junto com suas histórias e inspirações, acaba tirando o preconceito criado pela mídia de que autistas apenas são excelentes em lógica e matemática (como os personagens Sheldon, de “The Big Bang Theory” e o Dr. Shaun Murphy de “The Good Doctor”) sem criatividade para criar nada artístico. Este argumento cai por terra vendo as obras de Charles D. Topping, já que o artista prova que você pode ser tanto bom nas artes quanto bom na área de exatas. Sua obra “The Death Of Love #373: desiccated love” (fig. 12) é um desenho feito em Aquarela onde, ao invés de Mullin colocar as respostas das perguntas feitas na submissão do artista, o autor revelou uma troca de e-mails ente ele e Topping, onde eles falam sobre a origem do título da obra, como a escolha do número 373 o que leva à algumas curiosidades numéricas nos e-mails de Topping.

Figura 12: The Death Of Love #373: desiccated love



Fonte: Drawing Autism (2014)

“37 is the only two-digit number in base 10 whose product, when multiplied by two, subtracted by one, and then read backwards, equals the original two-digit number:  $37 \times 2 = 74 - 1 = 73$ , 73 backwards is 37. 373’s claim to fame is that it is itself a prime number, while also the sum of five consecutive primes ( $67 + 71 + 73 + 79 + 83$ )”<sup>11</sup> (Topping, p.104).

É impossível aprofundar muito na vida de todos os artistas do livro e analisar como a arte ajudou cada um deles. Algo que eu achei recorrente nas respostas destes artistas foi que muitos responderam que a arte os ajudava a expressar seus sentimentos, o que se torna um desafio ainda maior quando se é autista, já às vezes a gente não sabe muito bem como expressar o que estamos sentindo ou até não entendemos os nossos próprios sentimentos.

“Dancing with the dog” (fig. 13) foi um desenho criado por Eleni Michael em 1995, quando o artista se mudou para uma casa projetada para pessoas com necessidades especiais. Segundo Michael, a inspiração veio de seu cão Jasper, que

<sup>11</sup> 37 é o único número de dois dígitos na base 10 cujo produto, quando multiplicado por dois, subtraído por um e depois lido de trás para frente, é igual ao número original de dois dígitos:  $37 \times 2 = 74 - 1 = 73$ , 73 palavras invertidas são 37. 373’s A reivindicação à fama é que ele próprio é um número primo, ao mesmo tempo que é a soma de cinco primos consecutivos ( $67 + 71 + 73 + 79 + 83$ ).

era o único cachorro da casa e de como os outros residentes amavam seu cachorro e adoravam brincar com ele. Na obra podemos ver várias pessoas felizes, brincando e dançando ao redor de um cachorro.

Figura 13: Dancing with the dog



Fonte: Drawing Atism (2014)

Já para Wout Devolder, a inspiração de sua obra “werewolf” (fig. 14), infelizmente, veio da morte de dois de seus sobrinhos, que morreram em um incêndio em 2008, quando Devolder tinha apenas 14 anos. O desenho, que mostra um lobisomem uivando para a lua, foi dedicado aos seus sobrinhos. “ Because I didn’t have words to express my despair, I drew this werewolf” (Devolder, p. 41).

Figura 14: Werewolf



Fonte Drawing Autism (2014)

No caso de D. J. Svoboda, o artista começou a criar arte com o objetivo de trazer esperança, confiança, diversão e encorajar não só todos com autismo ou alguma deficiência, mas todas as pessoas ao redor do mundo através dos desenhos de seus amigos imaginários (fig. 15,16).

Figura 15: Sneaky Vegslokotov



Fonte: Drawing Autism (2014)

Figura 16: Big field friends



Fonte: Drawing Autism (2014)

Enquanto via as obras e relatos de “Drawing Autism”, comecei a analisar meus desenhos, procurando também entre os rabiscos que fazia durante a infância, e me

identifiquei bastante em relação à alguns capítulos apresentados no livro. Grande parte dos meus desenhos apresentam repetições em relação a temática, como por exemplo cinco desenhos da Rapunzel (fig. 17-21), que foram feitos aproximadamente entre 2006 e 2008 em uma agenda.

Figura 17: Rapunzel #1



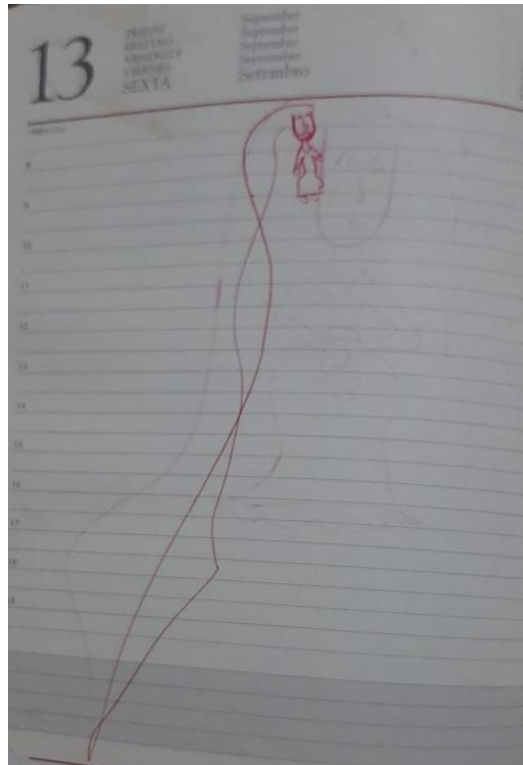
Fonte: Acervo pessoal

Figura 18: Rapunzel #2



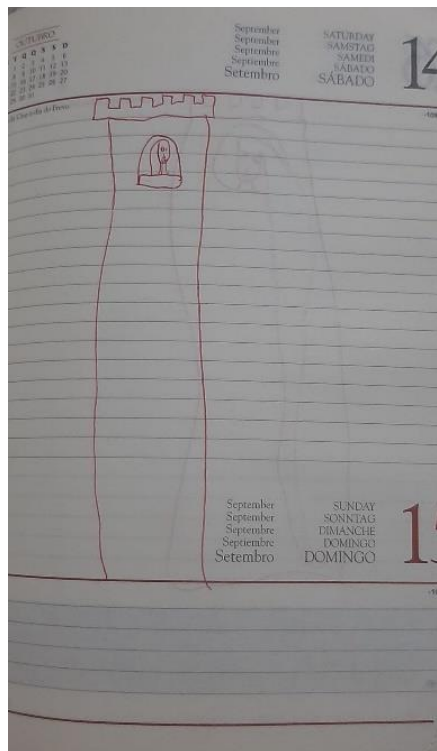
Fonte: Acervo pessoal

Figura 19: Rapunzel #3



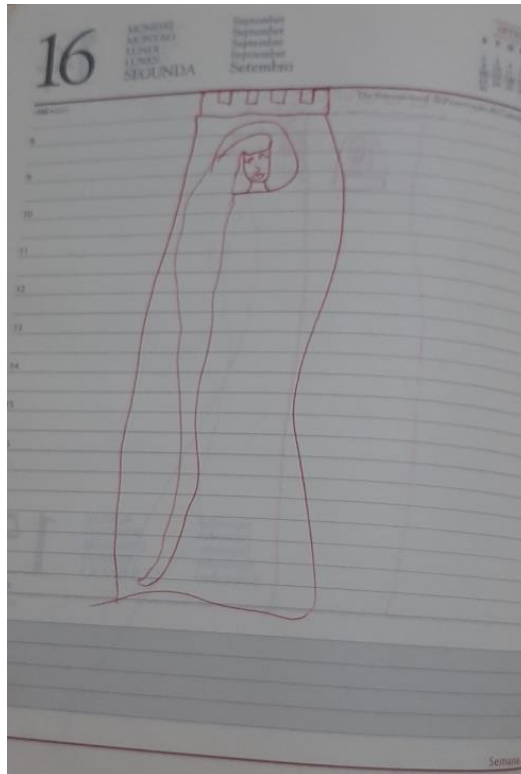
Fonte: Acervo pessoal

Figura 20: Rapunzel #4



Fonte: Acervo pessoal

Figura 21: Rapunzel #5



Fonte: Acervo pessoal

Segundo uma matéria do site drauziovarella.uol intitulada “Concentração intensa: conheça o hiperfoco e como ele pode ser regulado”(2022) e escrita por Isabelle Manzini, o hiperfoco, uma característica comum entre pessoas do espectro autista e TDAH, seria “...o termo usado para descrever o estado de concentração intensa e sustentada de uma pessoa por uma tarefa ou um conjunto de estímulos específicos, como um estado de absorção completo” (Manzini, p.1, 2022), ou seja, a pessoa com essa condição tem um grande interesse em determinado assunto, o que a faz se empenhar ainda mais nisso.

Como exemplo, Manzini trás o caso do dr. Alexandre Valverde, onde “como seu hiperfoco era relacionado à sua formação, nunca o percebeu como uma característica que merecesse atenção” (Manzini, p.1, 2022), sendo diagnosticado apenas aos 42 anos. Sendo assim, o hiperfoco pode ser usado de maneira benéfica como uma ferramenta de aprendizado, se equilibrado com sua rotina e seus afazeres diários. Entretanto, o maior benefício do hiperfoco seria a auto regulação sensorial.

“O hiperfoco também pode ajudar a manejar a sobrecarga sensorial, outra característica comum no espectro autista, através da qual a pessoa apresenta uma sensibilidade muito maior aos estímulos do ambiente, o que pode desencadear crises. Assim, o estado de hiperfoco proporciona um estado de

calma e autorregulação do estresse” (Manzini, 2022, p.1).

O hiperfoco seria então o que proporciona maior motivação para uma pessoa autista, onde vemos vários hiperfocos diferentes no livro de Jill Mullin, onde já apresentei alguns exemplos, como no caso de Charles D. Topping, onde o artista tem um grande interesse com numerologia, ou então os vários desenhos de sua casa com os exatos mesmos elementos de Zach Hamm.

Assim como muitos artistas de “Drawing Autism”, observei que também tenho o costume de desenhar bastante meus hiperfocos, não só quando era mais nova, como no caso dos desenhos da Rapunzel, mas também pude observar em desenhos mais recentes. Ao vasculhar os meus desenhos feitos entre 2018 e 2022, encontrei vários desenhos de uma personagem original (OC) criada por mim aproximadamente em 2016, totalizando mais de 25 desenhos desta mesma personagem.

Esta personagem foi criada por mim como um meio de externalizar minhas emoções, em que primeiro imagino como seria sua reação em determinada situação e depois a desenharia do modo que a imaginei. A personagem foi lentamente alterando algumas características durante os anos, mas ainda tenho o costume de desenhá-la. É possível observar como meus desenhos foram evoluindo ao longo dos anos, em 2018 (fig. 22), 2019 (fig. 23) e 2021 (fig. 24).

Figura 22: Personagem original 2018



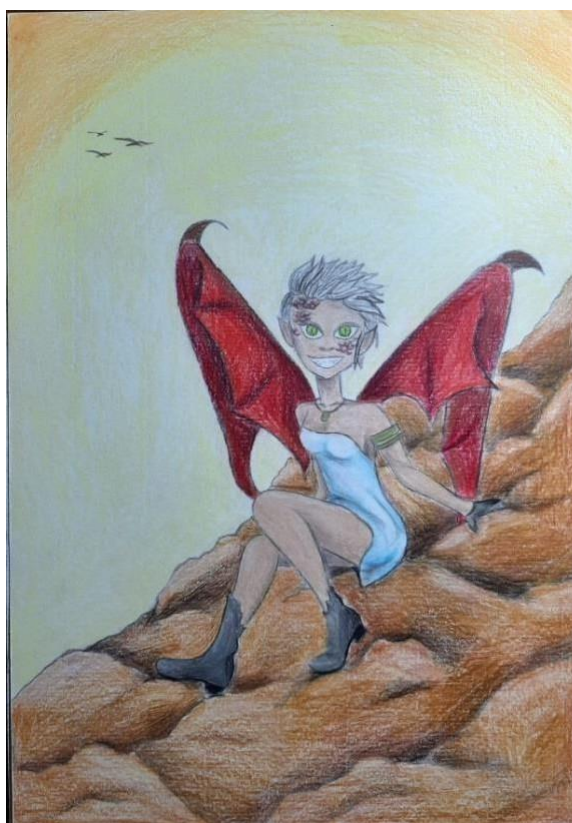
Fonte: Acervo pessoal

Figura 23: Personagem original 2019



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 24: Personagem original 2021

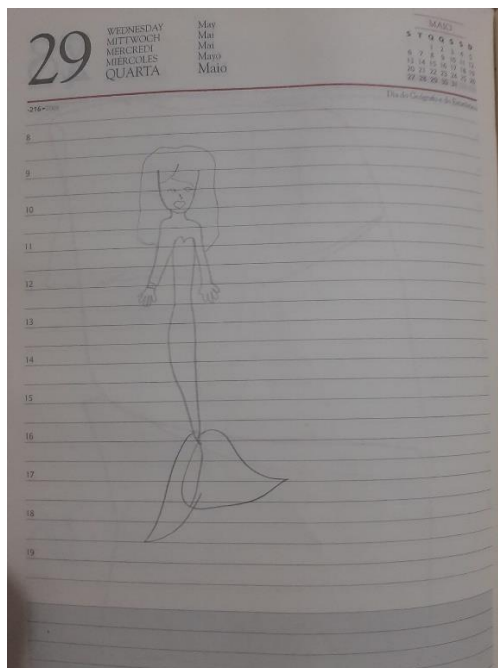


Fonte: Acervo pessoal

Outro tema bastante abordado em meus desenhos são sereias, sendo o mais

antigo que achei feito na mesma agenda em que fiz meus desenhos da Rapunzel (fig. 25), onde, além deste, foram achados mais de 10 outros desenhos de sereias

Figura 25: Sereia



Fonte: Acervo pessoal

Além de ser uma forma de expressar os meus interesses, também notei que o ato de fazer arte em si me ajuda a me acalmar em certas situações. Geralmente, tenho certa dificuldade em gerenciar minhas emoções, pensamentos e tempo, comorbidade comum de TDAH e TEA chamada disfunção executiva, caracterizada pela dificuldade da pessoa com essa característica de realizar atividades do dia a dia de forma autônoma.

“Assim, para essas pessoas, habilidades simples da rotina exigem um esforço gigante para serem realizadas. A pessoa tem dificuldade de planejar, decidir, se esquece com facilidade de hábitos comuns e se mostra instável quanto às emoções” (matéria do blog Eureka, Saiba o que é disfunção executiva e como acontece).

Por causa desta condição, às vezes é difícil fazer determinada tarefa, como estudar ou até os próprios afazeres domésticos, o que acontece mais frequentemente quando estou em alguma crise. Entretanto, percebi que se desenhar, pintar ou praticar outra forma de arte, e depois ir fazer a tarefa, eu consigo completa-la sem muita dificuldade.

Fui pesquisar para ver se achava algo relacionado a minha facilidade de iniciar tarefas depois de praticar algum tipo de arte, entretanto não achei nenhum artigo

relacionando a prática de artes com disfunção executiva, mas achei um artigo sobre como a arte influencia na saúde, titulado “Arte, alienação e argumento”, escrito por Vera Maria Guadalupe Rocha em 2003 “Este artigo apresenta reflexões sobre a valorização da arte, enquanto fator de promoção da saúde, a partir de uma pesquisa voltada para o ensino de arte na educação não formal” (Rocha, 2003, p.1).

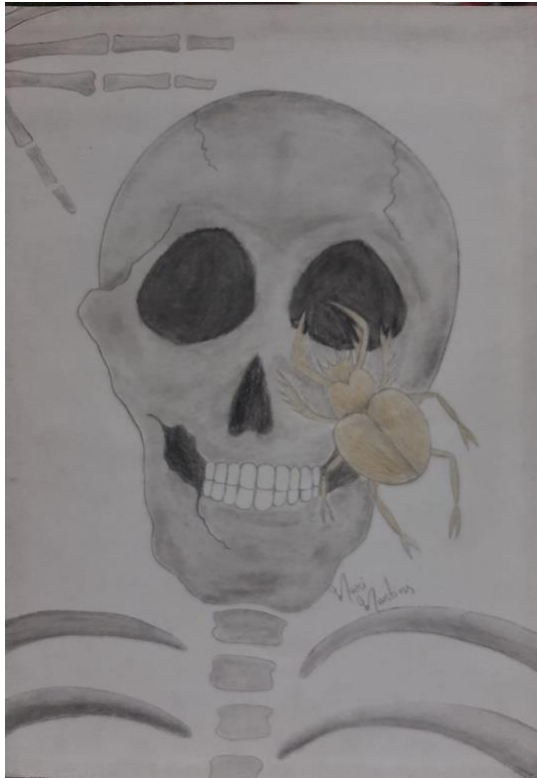
O artigo busca relacionar a loucura com as artes, termo que não é mais usado hoje em dia, buscando a origem das oficinas terapêuticas de artes no Brasil.

Além das questões por pra fora o que eu sentia através de desenhos, a arte também me ajudou a socializar. Além da minha dificuldade em fazer amigos, durante minha vida mudei muito de escola, o que não ajudou a manter as poucas amizades que tinha, e quando eu cheguei no ensino médio depois de uma transferência, não consegui me enturmar por mais de um ano. Entretanto, durante o segundo ano do ensino médio, abriu uma turma de desenho extra curricular, e ao me matricular e iniciar a frequentar estas aulas, comecei a me envolver com os outros estudantes da turma e criar vínculos, já que vários da turma de desenho também era da minha sala de aula, onde descobri outros interesses em comum além do desenho. Até hoje ainda mantenho contato com esses amigos.

Graças ao curso de desenho que tive durante o ensino médio, que continuei cursando mesmo durante o primeiro e segundo período da faculdade, decidi ingressar em Artes Visuais Licenciatura, que apesar de não ser um curso fácil, ainda mais depois de quarentena devido a pandemia de covid-19, teve um grande impacto positivo na minha evolução no em relação às interações sociais, principalmente pelo fato de que várias pessoas que cursam este curso têm gostos parecidos com os meus, o que me ajudou a enturmar e hoje tenho amigos da faculdade.

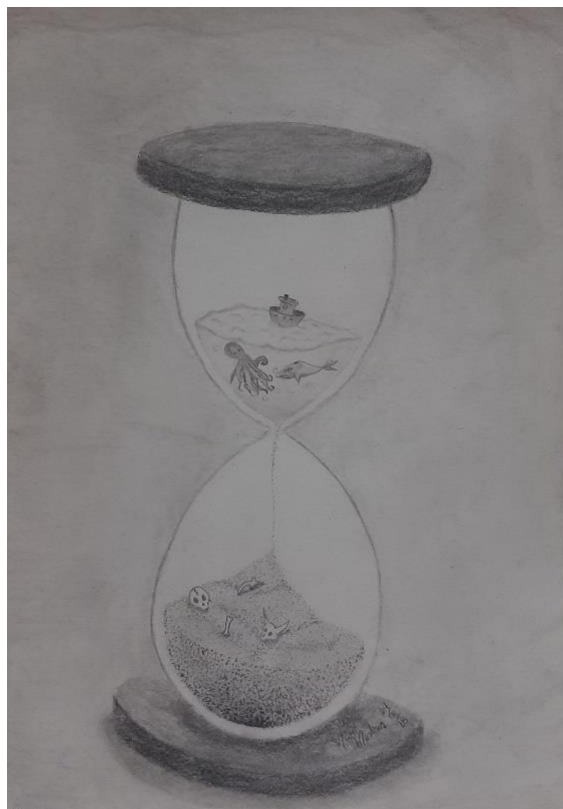
Esses são alguns desenhos que fiz durante o curso de desenho para exposições coletivas nas mostras pedagógicas dos anos que cursei a aula de desenho. O primeiro é de 2017, e foi baseado em um dos contos de Edgar Allan Poe, o escaravelho de ouro (fig. 26), o segundo foi da exposição de 2018 onde o tema era vidas secas, e teve como inspiração a música “asa branca” de Luiz Gonzaga (fig. 27) e a última exposição que participei em 2019, onde o tema era animações, onde meu desenho foi uma fanart do anime Sailor Moon (fig. 28), que na época era um dos meus hiperfócos.

Figura 26: Desenho mostra 2017



Fonte: Acervo pessoal

Figura 27: Desenho Mostra 2018



Fonte: Acervo pessoal

Figura 28: Desenho mostra 2019



Fonte: Arquivo pessoal

Depois de receber meu diagnóstico, estou ainda mais determinado a me tornar um excelente profissional na área da educação em artes, visando ser uma inspiração para outros alunos, que como eu, usa a arte como uma forma de linguagem. É difícil viver em um mundo que não foi feito para você, mas espero que com meu ensino a educação fique mais inclusiva pois todos temos direito a educação.

## Conclusão

O ensino de artes visuais é essencial para a inclusão, e foi com isso em mente que comecei a escrever este trabalho de conclusão de curso. Essa ideia foi ficando cada vez mais forte a medida que fui pesquisando mais a fundo no assunto, e quando li o livro “Drawing Autism” (2014) de Jill Mullin, foi o fator decisivo para escrever sobre como o ensino das artes contribui para o desenvolvimento de pessoas neurodivergentes.

Ver as obras de cada artista e ler um pouco sobre eles é inspirador, pois muitas pessoas não conseguem entender que pessoas autistas também tem suas vidas, individualidades, gostos. Quando se é nível um de suporte, fica ainda mais difícil de ser aceito, pois na visão da maioria das pessoas, quem é TEA nível um não é autista o suficiente, pois para essas pessoas, autistas não tem nenhuma autonomia. Já no livro vemos várias histórias de pessoas em níveis de suporte diferentes, cada um com sua vida, entretanto tendo a arte como um fator em comum entre eles e eu.

Como os estudos em relação as neurodivergência são recentes, não há muitas teses de conclusão de curso com um tema parecido com o meu, principalmente no curso de Artes Visuais Licenciatura. A maioria dos textos que encontrei sobre a influência do ensino das artes em pessoas neurodivergentes foram teses de mestrado ou doutorado. Espero que este meu trabalho abra as portas para novos trabalhos sobre a importância das artes não só para pessoas neurodivergentes, mas sim a importância das artes para a inclusão em geral.

A quantidade de textos que trouxe sobre a relação entre arte e a neurodivergência foi relativamente pequena em relação a sua importância. Os relatos de Mullin, Oleques Fernandes, Schlesener, Mosquera, Teixeira, Borges, Probst e os meus são apenas uma parte pequena da real importância das artes para pessoas neurodivergentes, e tenho fé que as próximas pesquisas nessa área tragam ainda mais exemplos dessa importância.

Espero que meu TCC inspire as próximas turmas de artes visuais licenciatura e mostrar que a arte não é só uma matéria para se ter na escola, e sim uma ferramenta que pode ajudar as pessoas, não só as neurodivergentes, a entenderem melhor o mundo. Através das artes, é possível termos um ponto de

vista mais sensível e crítico em relação ao mundo.

Acredito que no futuro os estudos sobre a influência positiva das artes em pessoas neurodivergentes esteja mais avançado, e espero que eu faça parte de um desses estudos. Se possível, planejo continuar estudando sobre o assunto em meu mestrado, talvez até no doutorado.

Não acho que tive mais dificuldades em fazer este trabalho de conclusão de curso do que meus colegas por ser uma pessoa neurodivergente, apenas tive desafios diferentes. A minha maior dificuldade foi com a dislexia, o que deixou minha escrita mais lenta, pois primeiro eu tive que escrever em um caderno, usando depois a ferramenta “ditar” para passar o texto ao computador para só então corrigir. Outro pequeno obstáculo foi minha dificuldade em relação ao desenvolvimento do texto, pois para mim é mais fácil argumentar de forma compacta, sem longos desenvolvimentos.

Mesmo havendo desafios, tive facilidade em algumas partes, como pelo fato de ser um assunto que me interessa, quando eu começava a me focar em escrever, o texto fluía.

Enquanto escrevia o texto, ficou ainda mais evidente a influência das artes em mim, pois muitas vezes quando eu me sobrecarregava escrevendo por muito tempo, desenhar era o que me fazia limpar a mente. Além disso, muitos dos relatos que encontrava, seja no livro “Drawing Autism” (2014), nos artigos ou matérias de sites eram bem similares a minha vivência, e isso poderia gerar uma pesquisa futura mais detalhada sobre a influencia das artes no cérebro neuro atípico.

Planejo ser uma professora capaz de ajudar os estudantes neurodivergentes a se desenvolverem, usando não só os conhecimentos que adquiri ao longo do meu curso, como planejo estudar o assunto mais a fundo em um futuro mestrado e possível doutorado, para melhorar ainda mais a minha capacidade de ensinar arte. O conhecimento que sei sobre ensino inclusivo ainda é muito raso em comparação ao que existe, e ainda não tenho experiência prática no ensino além dos estágios que tive, então estudarei bastante em como ser um docente competente.

Espero também que esta tese de conclusão de curso influencie outros futuros professores a abordarem sobre educação inclusiva em suas próprias teses, e que esta monografia sirva de exemplo para mais estudantes de artes a buscarem sobre neurodivergências, pois muitos professores depois que formam não são

preparados para lidar com alunos neurodivergentes, como vimos no caso que citei sobre a tese de doutorado de Mary Cristina Olimpio Pinheiro, onde os professores excluíram alguns alunos neurodivergentes do resto da turma.

## Referências bibliográficas

Autismo em meninas: por que é mais difícil diagnosticar?. **Neuroconecta**, 26 de mar. De 2018. Disponível em: <<https://neuroconecta.com.br/autismo-em-meninas-por-que-e-mais-dificil-diagnosticar/>>. Acesso em: 3 de ago. 2023.

BANDEIRA, Ana; Rocha, Cleomar; Déa, Vanessa Dalla. Se Inclui: Formação docente para inclusão e acessibilidade. Goiânia: CEGRAF UFG, 2020. Disponível em: [https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao\\_inclusao/livros/1/index.html](https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao_inclusao/livros/1/index.html). Acesso: em 9 de out. 2023.

BORGES, Rosicléia Melori Ribeiro; Probst, Melissa. Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as Artes: o ensino da arte no universo autista. Revista de Educação Dom Alberto, jun. 2015.

BRASIL. [Constituição (2015)]. Constituição da República Federativa do Brasil de . Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 18dez. 2023.

BRUNA, Maria Helena Varella. TDAH (TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE). Drauzio, 15 de ago. 2023. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/tdah-transtorno-do-deficit-de-atencao-com-hiperatividade/>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FERNANDES, Lorena Barolo; Schlesener, Anita; Mosquera, Carlos; Teixeira, Rosanny Moraes. Ensino de arte e autismo: um relato de extensão. Revista Educação, Artes e Inclusão. Florianópolis, 2012.

FOGAÇA, Ana Beatriz. Redes sociais promovem banalização do diagnóstico de transtornos mentais. Jornal da USP, 5 de jun. 2023. Disponível em: < <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/redes-sociais-promovem-banalizacao-do-diagnostico-de-transtornos-mentais/>>. Acesso em 14 de nov. 2023.

JUDY Singer e a neurodiversidade. Autismo e realidade, 25 de jun. 2020. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/2020/06/25/judy-singer-e-a-neurodiversidade/>>. Acesso em: 9 de out. 2023.

MACHADO, Gabriela; Martins, Morgana de Fátima Agostini; Acosta, Priscila de Carvalho. Educação Especial e Inclusão: Pesquisas do Centro Oeste Brasileiro. Goiânia: CEGRAF UFG, 2020. Disponível em: <[https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao\\_inclusao/livros/2/index.html](https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao_inclusao/livros/2/index.html)>. Acesso em 9 de out. 2023.

MALAGONI, G. .; CLARA LUZ, A. . DIFICULDADES NO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO EM MENINAS. Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza, [S. l.], v. 1, 2021. Disponível em:

<<https://www.periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/362>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MANZINI, Isabelle. CONCENTRAÇÃO INTENSA: CONHEÇA O HIPERFOCO E COMO ELE PODE SER REGULADO. Drauzio, 4 de nov. de 2022. Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/concentracao-intensa-conheca-o-hiperfoco-e-como-ele-pode-ser-regulado/>>. Acesso em: 5 de dez. 2023.

MARASCIULO, Marília. TDAH: popularização do transtorno nas redes sociais preocupa especialistas. Revista Galileu, 12 de nov. 2023. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/sociedade/comportamento/noticia/2023/11/tdah-popularizacao-do-transtorno-nas-redes-sociais-preocupa-especialistas.ghtml>>. Acesso em: 17 de dez. 2023.

MULLIN, Jill. Drawing Autism. New York: Akashic Books, 2009, 2014.

OLEQUES, Liane Carvalho. Desenho infantil e o Ensino de Artes Visuais: desenhando com crianças com deficiência intelectual. Revista GEARTE, [S. l.], v. 6, n. 3, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92301. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92301>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

OLEQUES, Liane Carvalho. Uma possibilidade de ensino de desenho para crianças com deficiência intelectual. 2017. Tese (Doutorado em Artes Visuais) –Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

PINHEIRO, Mary Cristina Olimpio; Silva, Aline Maira da; Heredero, Eladio Sebastian. (2021). Caracterização das Relações Interpessoais Entre Alunos com Deficiência Intelectual e Seus Pares. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/PqKDTVPPsVky5LxDRKkVdnr/>. Acesso em: 27 de nov. 2023.

PINHEIRO, Mary Cristina Olimpio; Silva, Aline Maira da; Venâncio, Leticia Maria Capelari Tobias. A inclusão escolar do aluno com deficiência intelectual: dados qualitativos sobre as relações interpessoais em escolas de Dourados – MS, 2020. Disponível em: [https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao\\_inclusao/livros/2/cap12.html](https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/colecao_inclusao/livros/2/cap12.html). Acesso em 9 de out. 2023.

ROCHA, V. M. ARTE, ALIENAÇÃO E ARGUMENTO. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 1, n. 1, p. 45-51, 26 nov. 2013.

Saiba o que é disfunção executiva e como acontece. Eureka, 2022. Disponível em: <<https://blog.eureka.me/disfuncao-executiva/>>. Acesso em: 18 de dez. 2023.

SESAY, Saidata. Neurodiversidade: o que é e como redes sociais têm ajudado em diagnósticos. **BBC News Brasil**, 18 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61854016#:~:text=O%20termo%20neurodiversidade%20foi%20cunhado,e%20se%20>. Acesso em: 27 de nov. 2023.

SHEFFER, Edith. Crianças de Asperger: As origens do autismo na Viena nazista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

SULKES, Stephen Brian. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDA, TDAH). Manual MSD, fev. 2022. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt->